

DA "REVOLUÇÃO FRANCESA" AO "SÉCULO XXI": ALGUMAS NOTAS ACERCA DO SISTEMA EDUCACIONAL FRANCÊS

Nilce da Silva

Resumo

Este artigo - fruto das reflexões do Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão "Acolhendo Alunos em Situação de Exclusão Social e Escolar", certificado pela Universidade de São Paulo e que conta com o apoio do CNPq e da FAPESP, para trabalho de alfabetização junto a crianças, jovens e adultos em situação de risco social - apresenta algumas notas que favorecem a reflexão acerca da história da educação francesa. Terá como ponto de partida a Revolução Francesa e, tratará da temática até os dias atuais.

Tal texto mostra-se interessante, na medida em que, muitos nós temos tivemos como paradigma de escolarização o modelo francês, ditado pela escola pública surgida sob os auspícios da Revolução Francesa guiada pelas palavras: Igualdade, fraternidade e liberdade. E, conforme pretendemos demonstrar, longe de ser uma realidade educacional, tal sistema foi mi(s)tificado e a representação que dele apreendemos serviu como guia ideológico para muitos países.

Palavras-chave: sistema educacional francês - modelo - representação.

FROM THE "FRENCH REVOLUTION" TO THE "XXI CENTURY: SOME COMMENTS REGARDING THE FRENCH EDUCATIONAL SYSTEM

Abstract

This article - fruit of the reflections of the Group of Research, Education and Extension "Acolhendo Alunos em Situação de Exclusão Social e Escolar: o papel da insituição escolar", certityfd by the University of São Paulo and that counts with the support of the CNPq and the FAPESP, to work about literacy with children, youngsters and adults in a situation of social risk - presents some notes that promote the reflection concerning the history of the French education. It will have, as starting point, French Revolution and, it will deal with this thematic one until the current days.

Such text reveals interesting, in the measure that many between us have had as paradigm the French model, dictated for the public school appeared under the auspices of the French Revolution guided by the words: Equality, fraternity and freedom. And, as we intend to demonstrate, far of being an educational reality, such system was a

"school my(s)thification" and its representation, that we learned, served as ideological guide for many countries.

Keywords: French education system – model – representation.

DE LA "REVOLUCIÓN FRANCESA" AL "SIGLO XXI": ALGUNAS NOTAS SOBRE EL SISTEMA EDUCACIONAL FRANCÉS

Resumen

Este artículo - fruto de las reflexiones del Grupo de Investigación, Enseñanza y Extensión "Acogiendo Alumnos en Situación de Exclusión Social y Escolar", certificado por la Universidad de São Paulo y que cuenta con el apoyo del CNPq y de la FAPESP, para trabajo de alfabetización junto a los niños, jóvenes y adultos en situación de riesgo social - presenta algunas notas que favorecen la reflexión sobre la historia de la educación francesa. Tendrá como punto de partida la Revolución Francesa y, tratará de la temática hasta los días actuales.

Tal texto se muestra interesante, en la medida en que, muchos de nosotros tuvimos como paradigma de escolarización el modelo francés, dictado por la escuela pública surgida bajo los auspicios de la Revolución Francesa guiada por las palabras: Igualdad, fraternidad y libertad. Y, conforme pretendimos demostrar, lejos de ser una realidad educacional, tal sistema fue mi(s)tificado y la representación que de él aprehendemos sirvió como guión ideológico para muchos países.

Palabras-clave: sistema educacional francés – modelo – representación.

"E se a primeira coisa – senão a única – a fazer fosse conseguir exorcizar esta vontade de poder total, esta negação de um outro autônomo que o ideal pedagógico esconde tão bem". Michel Exertier

Introdução

Este artigo faz algumas considerações acerca da história da educação na França a partir da Revolução Francesa quando a mesma pretende-se laica, universal e gratuita.

Iniciaremos com a proposta apresentada por Condorcet para o sistema público francês e as idiosincrasias desta época. Apresentaremos, assim, como eixo de articulação deste texto, a constituição de um "mito" em decadência, a partir do qual se construiu e se propagou o modelo educacional de ensino francês.

Depois de Condorcet, ressaltaremos as idéias de Durkheim e Alain, considerados como os teóricos deste sistema educacional nascente, e ressaltaremos algumas de suas idéias mal compreendidas porque, talvez, mal veiculadas no meio educacional.

Em seguida, com a obra de Freinet e, mais recentemente dos trabalhos vinculados à Pedagogia Institucional, mostraremos como as pequenas "rachaduras" de um modelo não igualitário de educação começam a aparecer.

Mais fortemente, por meio das obras-denúncia de Michel Foucault e Pierre Bourdieu, deixaremos, de fato, à mostra a não possibilidade da existência da "igualdade, fraternidade e liberdade" na sociedade, nem no sistema educacional.

Em seguida, faremos algumas anotações acerca da situação educacional do país em questão no século XXI.

Finalmente, teceremos algumas considerações acerca do mito / modelo criado em torno do sistema educacional francês e a impossibilidade desta imagem continuar a existir justamente

porque tal modelo se fez às custas da colonização e, desde o seu início, foi excludente.

A queda da Bastilha e Condorcet

A "Queda da Bastilha", 14 de julho de 1789, pode servir como marco a partir do qual o sistema educacional francês começa se estruturar enquanto público, universal e laico. Mais do que a libertação dos presos, a queda da Bastilha marca o final da era dos "reis-sóis" na França, numa Revolução que foi caracterizada pelos ideais "iluministas". Neste sentido, a proclamação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 26 de agosto de 1789, é o seu principal símbolo. "Liberdade, Igualdade e Fraternidade" se tornou o lema que motivava as ações da nova ordem social deste país.

O "Iluminismo", diga-se de passagem, foi defendido por filósofos como Voltaire, Jean-Jacques Rousseau, Denis Diderot, entre outros, procurou combater a intolerância religiosa e a vigorosa ligação entre Estado Absolutista e Igreja.

Segundo Boto (2003), ao citar Leon Cahen,

Os iluministas compreendiam que a instrução conduzia não apenas a um acréscimo de conhecimento, mas também à melhoria do indivíduo que se instrui. Diderot, por exemplo – segundo relata Cahen – compreendia que instruir uma nação equivale a civilizá-la.

E ainda, de acordo com a autora, neste período das "luzes",

O Estado era o maior interessado na formação dos indivíduos, até para que viessem a público os sujeitos mais meritórios; os talentos; as aptidões de cada um – o que conduziria a um aprimoramento geral da sociedade.

Apesar deste "aparente" unísono, ressalta Boto que, contudo, nem todos os iluministas pensavam nesta disseminação da "cultura" para todos.

Um dos temas mais fascinantes colocados pela Revolução foi a participação de Condorcet neste cenário. De certa forma, até hoje, os ideais deste filósofo, inspiram sistemas de ensino, escolas, práticas docentes, mesmo que, apenas, no âmbito do discurso. Dito de outro modo, o direito do acesso à mesma educação, independentemente do gênero; da pertinência à esta ou àquela etnia, religião; do nascimento ou da situação social constituem-se como o "sonho" de muitos educadores.

Recomendável, neste sentido, é a visita virtual à Biblioteca Gallica (www.gallica.bnf.fr) em que diferentes documentos desta época poderão ser lidos e consultados. Dentre eles, destacamos:

1- O documento de 1291-1792 feito pela Assembléia Nacional Francesa, de Condorcet, apresentado em 20 e 21 de abril de 1792: *Rapport et projet de décret sur l'organisation générale de l'instruction publique*; e; 2- *As Bases fondamentales de l'instruction publique et de toute constitution libre ou Moyens de lier l'opinion publique, la morale, l'éducation*, escrito por François Xavier Lanthenas.

Porém, de acordo com Silva (2004), na tentativa de destruir este mito que compõe nosso imaginário, gostaríamos de destacar que grande batalha foi travada entre os inicianos, oriundos da conversão de Constantino em 313 d.C. e a escola pública laica na França e em todo o mundo, situação esta ventilada sobremaneira nos currículos escolares de países católicos, como o Brasil.

E ainda, com relação aos judeus, sabe-se que já na época romana houve dispersão deste povo pela Itália, França, entre outros países. E no que diz respeito aos islâmicos, no século VII, há diferentes registros acerca da entrada desta população na Europa pelo magrebe e, além disto, uma outra onda de migração,

no século VIII, quando os árabes chegam a este continente pelos Balkans.

De acordo com Silva (2004), diferentemente do que se sabe e se divulga a respeito da presença e da expulsão dos jesuítas do Brasil, pouco se sabe a respeito da enorme presença de judeus e muçulmanos neste mesmo período na Europa.

Sendo assim, pelo menos até onde conhecemos, na época da Revolução Francesa, a presença de muçulmanos, assim como a dos judeus, foi negligenciada, sendo inclusive subestimada pelos intelectuais da Revolução.

Apesar desta situação, afirma Silva (2004), o livro de La Chalotais, pedagogo, apresentava a necessidade de se tornar o ensino uma atividade exclusivamente secular. Seu *rapport* inicia-se com a definição da publicização, da universalidade e da promoção da igualdade como pertinentes à educação revolucionária desta época:

Oferecer a todos os indivíduos da espécie humana os meios de prover a suas necessidades, assegurar seu bem-estar, conhecer e exercer seus direitos, compreender e cumprir seus deveres; assegurar a cada um a oportunidade de aperfeiçoar seu engenho, de se tornar capaz para as funções sociais as quais tem o direito de ser convocado, de desenvolver toda a extensão de talentos, que recebeu da natureza para estabelecer uma igualdade de fato entre os cidadãos e tornar real a igualdade política reconhecida pela lei (In: SILVA, 2004).

Entretanto, segundo o mesmo pedagogo, e outros pensadores da época - Voltaire, o padre Réguis, entre outros - ensinar as letras aos operários, camponeses, alfaiates e bodegueiros seria um desvio da natureza das tarefas os mesmos exerciam na sociedade. Ou seja, ele defendia o ensino estatal para as classes abonadas e condenava os *Frères Ignorantins*, integrantes do baixo clero francês, que ensinavam os rudimentos do alfabeto aos trabalhadores e aos pobres em geral.

Dito de outro modo, a educação que nascia com esta Revolução seria básica para grande parte da população.

Neste sentido, os estudos secundários eram destinados apenas às crianças que não necessitavam trabalhar para contribuir com o orçamento doméstico; e mais importante ainda, do ponto de vista deste artigo, *a cultura muçulmana e a cultura judaica foram ignoradas pelo sistema educacional francês instaurado* (SILVA, 2004).

Apesar desta "exclusão", a idéia do sistema educacional francês laico e público difunde-se e, depois de 93 anos, em 1882, Jules Ferry institui a escola obrigatória. Desde então, a despeito das "diferenças" existentes no país e no continente europeu, a escola única francesa constitui-se como símbolo da democratização do ensino para muitos países, como o Brasil, por exemplo.

Segundo Boto (2003), na Revolução Francesa, os princípios democráticos da escola pública, laica e gratuita encontram-se no relatório de Marquês de Condorcet – matemático nascido em 1743 e apresenta duas grandes preocupações: a- Unir as chamadas ciências morais com as ciências físicas, e; b- Oferecer educação para os pobres, para o povo.

Em 1792, ele foi nomeado presidente do Comitê de Instrução Pública da Assembléia Legislativa Francesa, e, nesta ocasião, ele percebe uma oportunidade para colocar seus ideais em prática e, para tanto, elabora um projeto e um relatório que, no século XIX, foi usado como inspiração por Jules Ferry.

No âmbito deste artigo, segundo Condorcet (1989), queremos ressaltar que foi justamente este seu documento - *Rapport et projet de décret sur l'organisation générale de l'instruction publique* -que serviu como modelo para muitos países, inclusive para o Brasil, e que através dele, fez com que, para muitos de nós, o "modelo de educação francesa" significasse o "modelo do melhor" em educação. Isto porque o mesmo proclamava a constituição de uma escolarização laica, gratuita, pública, para ambos os sexos e para todos, ou seja, uma educação universalizada. Em suma,

Condorcet foi pioneiro neste sentido e, em seu documento afirma que: A- Há que se assegurar um bem-estar coletivo por meio do desenvolvimento pleno de cada indivíduo. B- O conhecimento deveria ser partilhado por meio da educação pública. C- A educação deveria ser igual para TODOS e TODAS, independentemente do gênero e da idade, isto é, homens e mulheres; crianças, jovens e adultos que, porventura, já tivessem deixado a escola ou que não tivessem tido oportunidade para freqüentá-la. D- A escola deveria ser gratuita e o Estado, por meio de um "sistema", seria o responsável por ela, portanto, ela seria totalmente laica.

Em síntese, o que nos ensinaram sobre a Revolução Francesa, sobre os Iluministas, e o nosso conhecimento das idéias de Condorcet, mesmo sem saber que eram deles, provavelmente – símbolo defensor da escola pública, gratuita, laica e universal - fizeram com que, aos nossos olhos, a França tornara-se o modelo de sistema educacional a ser seguido.

Século XX: as rachaduras aparecem; as fendas são abertas

No início deste século, autores como E. Durkheim e Alain foram os grandes mentores intelectuais da discussão na França sobre a escola pública.

Vejam, de modo sucinto, o ponto de vista de É. Durkheim (s/d), que durante muitos anos foi professor universitário de Pedagogia e Ciência Social – *Faculté de Lettres de Bordeaux*, 1887 a 1902- e depois, na *Sorbonne*, a partir de 1902, quando transforma a referida cátedra em Sociologia: *Admitido que a educação seja função essencialmente social, não pode o Estado desinteressar-se dela.*

Não menos importante do que ele, porém, possivelmente, menos conhecido, Alain (1868- 1951), cujo nome era Émile Chartier, defendia a "humanidade" com como horizonte

de todo ato educativo. Para ele, segundo Château (1978), educar significava tirar o homem da barbárie e levá-lo a conhecer seu próprio poder de governar-se a si mesmo, e de crer apenas mediante provas. E, ainda que a educação é a conquista de cada momento, é a conquista de si mesmo.

Para Alain, a educação dirigir-se-ia a todos, entretanto, a preocupação de uma sociedade democrática deveria ser a educação dos mais lentos. Ou seja, todos os espíritos deveriam ser despertados.

Ele, que é conhecido também como um dos defensores da Escola Tradicional, apresentou-nos a idéia de que se a um espírito mais lento for reservado apenas o ensino técnico, ocorrerá a preparação do escravo, e tal atitude será condenável. Além disto, afirmava que cada vitória deveria ser comemorada com os alunos, e mais ainda, de que não se aprende a ler e a escrever apenas ouvindo uma pessoa que fala bem ou vendo uma pessoa escrever bem. Há que se ter oportunidade de escrever.

Passado este período de estruturação do sistema educacional francês, e da sua devida divulgação, acompanhada pelo uso e fruto da colonização, sobretudo das sociedades africanas, assistimos no final da segunda Guerra Mundial, o estabelecimento do Estado de Israel e assistimos a mais uma onda de imigrantes que se instalaram em diferentes países europeus, a partir dos anos 70 do século XX, primeiro pela necessidade de mão-de-obra que os mesmos demandavam, e depois, independentemente desta necessidade econômica européia.

Inúmeros autores destacaram que os "esforços pela igualdade da Revolução Francesa" não se constituíram como pano de fundo do e para o sistema educacional francês, apesar de que, foi "vendida" a imagem de que a França era o modelo a ser seguido. Ou ainda, um dito ideal pedagógico soube esconder a perversidade deste sistema.

Célestin Freinet (Gars, França, 1896 – Vence, França, 1966), foi um dos primeiros estudiosos da educação da França que percebeu a necessidade de um grande empenho de todos para

que a escola se vinculasse realmente ao povo, apesar de apenas ter iniciado o Curso de Magistério em Nice, pois o mesmo é interrompido quando ele se alista ao exército e participa da Primeira Guerra Mundial (1914–1918).

Este professor, em oposição ao sistema educacional vigente na França, realiza inúmeros feitos. Dentre eles, citamos: a fundação de uma Cooperativa de Trabalho com os aldeãos da sua cidade paralelamente ao trabalho de docente; inicia as primeiras "correspondências entre as escolas" através das quais estabelece uma troca de experiências entre elas; cria a "imprensa na escola" e com ela a revista *La Gerbe* (O Ramalhete), com poemas infantis; e ainda, funda uma Cooperativa de Ensino Leigo.

Na medida em que, por meio de sua prática pedagógica mais do que inovadora, diga-se de passagem, Freinet incomoda o *status quo* ou o *staff* do sistema escolar francês. Por isso, ele é exonerado do cargo de professor em Saint Paul de Vence. De acordo com as informações contidas no sítio da "Associação Brasileira para Divulgação, Estudos e Pesquisas de Pedagogia Freinet" (2006), mesmo assim, ele continua trabalhando na Cooperativa e, finalmente, "abre a sua escola: a "Escola de Freinet" - que é desativada quando se inicia a Segunda Guerra Mundial; e, juntamente com Romain Rolland, cria o movimento Frente da Infância.

Entre os anos de 1947 e 1956, Freinet cria o "Icem", uma cooperativa educacional com mais de vinte mil participantes, e lança uma campanha nacional propondo uma reforma no número de alunos por classe — para ele, o número não deveria ultrapassar o de 25 alunos.

A "Pedagogia de Freinet" tinha como objetivo modernizar a escola pública que ele considerava como a escola do povo e, portanto, deveria atender, na sua essência, às necessidades do povo por meio dos seguintes princípios: 1- Senso de responsabilidade. 2- Senso de cooperação. 3- Sociabilidade. 4- Formação de julgamento pessoal. 5- Promoção da autonomia, da

expressão, da criatividade, da comunicação, da reflexão individual e coletiva, além da permissão e da demonstração da afetividade.

Na mesma direção contestatória, Michel Lobrot, na obra "Pedagogia Institucional" (1967), também manifesta o mesmo objetivo transformador de Freinet e, para tanto, ele propõe uma prática pedagógica "não-diretiva" e "interventiva" concomitantemente, de modo que um aluno encontre um ambiente de prazer (relacional, intelectual, afetivo) também na escola.

Na obra "Violência na Escola" (1989), de Colombier, Mangel e Perdriault, mais uma vez, a "Pedagogia Freinet" e a "Pedagogia Institucional" são reforçadas na medida em que propõe o uso da palavra na escola ao invés da prática violenta, desnuda a violência na escola do sistema e educacional francês e, por isso, colabora para a destruição do mito da existência e da eficiência deste modelo de ensino. A "introdução" desta obra é muito significativa:

Violência nos colégios... Quem já não ouviu contar sobre as atribulações de certos professores seqüestrados, espancados ou violentados, as brigas com faca na hora do recreio, as extorsões, as drogas? (...) Mas novas formas de violência aparecem no colégio, inexistentes há apenas quinze anos atrás. As agressões cotidianas, os atos de 'pequena' delinqüência se multiplicam (1989, p. 17).

O livro apresenta a situação dos muros, das paredes, do mobiliário destruído de muitas escolas. Além disto, retrata as relações "incivilizadas" entre os colegas de uma mesma escola; entre colegas de classe e seus professores; e entre as pessoas com elas mesmas. Todas, segundo os autores, configuram-se como relações de destruição. Ou seja, o cenário de violência é descrito em detalhes e este existe, sobretudo, nas escolas de periferia de Paris, nas quais realizaram suas intervenções.

De modo mais alarmante ainda, é retratada a falta de desejo dos alunos estarem nestas salas de aulas, o caráter

insuportável de estar na escola – inclusive por parte dos professores – o esgotamento dos sujeitos fechados nestas paredes e, o mais preocupante, a falta de consideração que se observa frente aos menos favorecidos, precisamente com relação aos imigrantes de primeira ou segunda gerações, por direito, mas não de fato, muitas vezes, franceses.

Sendo assim, tanto a "Pedagogia Freinet" como a "Pedagogia Institucional" já denuncia(va)m a falta da "igualdade, liberdade e fraternidade" nas escolas públicas francesas e apontavam caminhos para uma escola que reconhecesse a existência do "outro". Porém, do nosso ponto de vista, Michel Foucault e Pierre Bourdieu foram os pensadores que melhor desvendaram a representação ilusória a qual fomos submetidos acerca do sistema educacional francês como modelo educacional ou fonte de inspiração.

Para Michel Foucault (1926-1984), a relação de poder é hierárquica no ambiente escolar. Ele revela como a disciplina dociliza os corpos e como os coage numa constante utilização, tal como o ambiente de uma prisão que, de mecanismos sutis e constantes de disciplinarização e vigilância.

Disposmos da afirmação que o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, como também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força (FOUCAULT, 2003, p. 175).

E ainda:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder, são sempre centros de sua transmissão (FOUCAULT, 2003, p. 183).

Parafrazeando Foucault na obra "Vigiar e Punir" (1977), temos que a escola, dentre outras instituições, possui mecanismos de controle atentos e minuciosos de cada movimento dos corpos, e, por meio destes, disciplina-os e fabrica "corpos dóceis". Ou, com suas próprias palavras a respeito da ação do poder:

(...) captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações. Lá onde se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais (...), e por conseqüência, analisar a escola como o lugar onde o poder disciplinar produz saber, mantém-se, é aceito e praticado por todos os membros da instituição escolar numa relação hierárquica (2003, p. 182).

Especificamente no que diz respeito às escolas, para este Mestre (1977),

a sala de aula forma um grande quadro único; com entradas múltiplas, sob o olhar cuidadosamente 'classificador' do professor" (...) A exigência da distribuição das classes em fileiras, com alunos em ordem e uniformizados tem como objetivo garantir a obediência dos alunos, e uma melhor utilização do tempo. Cria espaços funcionais e hierárquicos (...) trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo, trata-se de lhe impor uma 'ordem' (FOUCAULT, 1977, p. 135).

Na mesma direção, a da falta de liberdade e de total controle, a construção dos prédios escolares favorece o "olhar panóptico", daquele que vê tudo da onde está e não é visto. A escola é, portanto, um espaço fechado e vigiado e, ainda: (...) *uma máquina de ensinar mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar* (FOUCAULT, 1977, p. 134), por meio, inclusive, de mecanismos de prêmios e punições.

Quanto ao controle do tempo, Foucault destaca que

Não basta apenas o cumprimento do horário por parte dos professores e alunos (...) procura-se também garantir a qualidade do tempo empregado: controle ininterrupto, pressão dos fiscais, anulação de tudo que possa perturbar distrair; trata-se de constituir um tempo integralmente útil (FOUCAULT, 1977, p. 137).

E, finalmente, a escola, longe de "elevar os espíritos", adentra e penaliza cada mínima "desobediência".

Neste sentido, cabe ressaltar que a escola hierarquiza os alunos; hierarquiza as classes em que os alunos se encontram e, ainda, cada escola ocupa um lugar dentro do sistema educacional, sendo que, para tanto, as provas e os exames são os principais instrumentos.

Pierre Bourdieu (1930-2003), um dos mais importantes sociólogos da nossa época, aos 28 anos publica seu livro "*Sociologie de l'Algérie*" (1958), no qual revela a relação entre colônia francesa e metrópole por meio de argumentações atuais para a compreensão dos nossos dias.

Bourdieu nos faz (re)ver o referido "ideal pedagógico" e mostra-nos claramente a perversidade do sistema educacional francês em suas diversas obras.

Para ele (2003, 2002, 2001), a instituição escolar é um espaço que contribui significativamente para a constituição do *habitus* dos agentes sociais, mediante a apropriação de determinados capitais sociais e culturais que podem ser mais ou menos valorizados na sociedade. Dessa forma, estes diferentes capitais sociais e culturais obtidos estariam influenciando nas diferenças sociais destes alunos na vida adulta e a escola por ter como referência a cultura, legitimada por agentes sociais das camadas médias e privilegiadas, possibilita a esses grupos sociais o acesso a estes conhecimentos que são reconhecidos por eles como legítimos e, ao mesmo tempo, este conhecimento escolar para as camadas da população menos privilegiadas torna-se inacessível e desprovido de sentido.

Bourdieu ainda afirma que:

Da mesma forma que a riqueza econômica só pode funcionar como capital na relação com um aparelho econômico, assim também a competência cultural, sob todas as suas formas, só se constitui enquanto capital cultural nas relações objetivas que se estabelecem entre o sistema econômico de produção e o sistema de produção dos produtores (constituído, por sua vez, pela relação entre o sistema escolar e a família) (...) os diplomas escolares são para o capital cultural o que a moeda é para o capital econômico... (2002, p. 197 e 198).

E ainda:

Connaissant la relation qui, du fait de la logique de la transmission du capital culturel hérité de la famille et le capital scolaire, on ne saurait imputer à la seule action du système scolaire (et, á plus forte raison, á l'éducation proprement artistique, de toute évidence presque inexistante, qu'il procurerait) la forte corrélation observée entre la compétence en matière de musique ou de peinture (et la pratique qu'elle suppose et rend possible) et le capital scolaire: ce capital est en effet le produit garanti des effets cumulés de la transmission culturelle assurée par la famille et de la transmission culturelle assurée par l'école (dont l'efficacité dépend de l'importance du capital culturel directement hérité de la famille). Par les actions d'inculcation et d'imposition de valeur qu'elle exerce, l'institution scolaire contribue aussi (por une part plus ou moins importante selon la disposition générale et transposable à l'égard de la culture légitime qui, acquise à propos des savoirs et des pratiques scolairement reconnus, tend à s'appliquer au-delà des limites du scolaire, prenant la forme d'une propension désintéressée à accumuler des expérience et des connaissances qui peuvent n'être pas directement rentables sur le marché scolaire (BOURDIEU, 1979, p. 22).

Vale à pena citá-lo mais uma vez:

○ poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de

transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, reconhecido como arbitrário (2003, p.14).

Sendo assim, concluímos que as fendas deste sistema modelo estavam desnudas.

Século XXI: Et maintenat?

Com o ataque terrorista em Nova Iorque, e ainda, mais recentemente, com o atentado em Madri, não há pessoa que não se preocupar com a "diversidade", com o "outro", tendo em vista que "este" não se cala: SINAIS dos tempos do século XXI.

Além destes acontecimentos brutais, temos visto, inúmeras vezes, conflitos entre israelenses e palestinos; invasões norte-americanas com apoio de países europeus; guerras interétnicas em pseudo-países na África; homens-bomba; carros-bomba. E assim, por estes e outros fatos, estas e outras causas, hoje a Europa abriga milhões de pessoas que saem de seus paupérrimos e destruídos países.

De acordo com o *Dossier* de Éric Maurin de 2003, depois de mais de 200 anos de Revolução Francesa, este país apresenta a seguinte distribuição de renda:

- 10% da população (os mais ricos) possui 44% da renda nacional;
- 40% da população possui 47% da renda nacional;
- 50% da população (os mais pobres) possui 9% da renda nacional.

Neste sentido ainda, vem ao encontro do nosso raciocínio, a declaração de Luc Ferry, ex-ministro da Educação na França, à imprensa francesa de que 60.000 crianças abandonam

por ano a escola e 90.000 terminam o equivalente ao Ensino Médio no Brasil sem qualificação profissional, fato que, segundo a referida autoridade, dificulta-lhes a inserção profissional e social, e por isso, faz-se mister a implantação definitiva do ensino profissionalizante para boa parte da população, os mais pobres. Por isso, como que ironicamente, na França, é permitido que alunos de 14 anos façam estágios em empresas e "descubram" suas aptidões profissionais.

Não menos importantes são as seguintes cifras:

- a- Os estudantes que concluem o equivalente francês ao Ensino Médio optam cada vez menos pelas prestigiosas universidades do país, apenas 39,2 % dos formandos.
- b- Prevalece hoje o sucesso das carreiras seletivas curtas tal como o *Brevet de Technicien Supérieur (BTS)* ou ainda, nas escolas *baccalauréat* (pos-bac) que costumam acolher egressos do Ensino Médio preocupados em tornar rentável o seu percurso de formação.
- c- Hoje, seis estudantes entre dez prosseguem a sua formação após terem obtido o seu *Diploma Universitaire de Technologie (DUT)*. Esta tendência poderia ainda se reforçar com a implantação do sistema licença/ mestrado/ doutorado, uma vez que há o incentivo aos estudantes a obterem o nível da licenciatura.

Em suma, tomamos a liberdade de inferir que *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*; assim como, as idéias de Condorcet, não sobreviveram - talvez nem mesmo tenham nascido - neste contexto, apenas uma "representação" das mesmas, como tivessem ocorrido foi internalizada.

A França, assim como, os demais países da União Européia têm um grande desafio pela frente, sobretudo no que diz

respeito ao sistema educacional existente, e nesta conjuntura, há diferentes posicionamentos, os quais pretendemos relatar a partir de dois eventos ocorridos neste país: A *7eme* (2004) e a *8eme* (2006) *Biennale de l'Éducation et de la Formation*.

Com relação ao primeiro deles, cujo subtítulo foi *Apprendre soi-même, connaître le monde*, organizada pelo *Institut National de Recherche Pédagogique* (INRP) - de 14 a 17 de abril de 2004 – algumas preocupações merecem ser destacadas, pois se constituíram como "temas" de discussão e que corroboram vivamente com as afirmações que temos feito até agora acerca do modelo de ensino francês. A saber: 1- Como passar da aprendizagem social ao sentimento de eficácia pessoal. 2- A responsabilidade do Estado francês frente à diversidade étnica na França. 3- A relação entre sistema educacional e mercado de trabalho. 4- A relação entre escola na província, no Estado nacional francês e na União Européia. 5- A relação entre educação nacional francesa e educação na comunidade. 6- A integração das minorias e dos vencidos na história da República Francesa. 7- A necessidade da formação de professores. 8- Conflito entre "comunitarismo" e "sistema educacional francês". 9- Reivindicação de identidade. 10- Das incivilidades à barbárie na escola. 11- Crianças e jovens em situações difíceis. 12- Do sofrimento de alunos e professores na escola. 13- Relação entre língua, identidade e cultura. 14- Línguas e mundialização. 15- A abertura de fronteiras, as diferenças lingüísticas e a escola francesa. 16- Diversidade cultural, conflito de civilizações ou diálogo intercultural. 17- criação de escolas específicas para migrantes.

Passados dois anos da constatação da situação do sistema escolar na França, na *8eme Biennale de l'Éducation et de la Formation* realizada também no INRP em Lyon, entre 11 e 14 de abril deste ano, 2006, notamos, muito pouco avanço no que diz respeito às questões levantadas no evento anterior. E, pelo contrário, sentimos uma certa cautela, ou mesmo medo, frente a estes problemas expostos para o mundo todo via satélite. Parece-

nos que houve um movimento de recuo frente ao "outro", ou ainda, uma busca dos ainda privilegiados pelo sistema por seus pares. Passemos ao perfil deste evento para que, em seguida, construído por meio de diferentes fontes, para que argumentemos sobre nossas "impressões".

Como se não bastassem os incêndios nas *banlieus* francesas no final do ano passado, o contexto deste evento foi bastante tenso na medida em que ocorreu no auge das manifestações dos estudantes universitários – que se vêem sem perspectiva de trabalho – e que lutavam para derrubar os *Contrats Jeunes en Entreprise* (CPE), que propunha uma situação de precariedade no primeiro e ou no segundo ano de trabalho dos jovens empregados em empresas. E, além disto, uma série de manifestações dos imigrantes ilegais em Paris, especialmente, que exigiam a sua legalização no país que, segundo o que é veiculado na mídia, não é, nem pode ser mais o promotor do bem-estar social.

Neste contexto, o referido evento de caráter internacional foi organizada a partir do eixo: "Experiência(s), Saber(es) e Sujeito(s)". Este contou com, pelo menos, 500 contribuições de pesquisadores, estudiosos, estudantes de diferentes partes do mundo.

De acordo com Max Buttlen, um dos organizadores do evento, estes três temas (experiência, saber e sujeito) mantêm uma estreita relação entre si na medida em que "experiências" são adquiridas na escola, e, na mesma direção, constroem-se "saberes" que formam os sujeitos. E neste sentido, para Buttlen, atentemos para sua afirmação: a Europa anuncia uma sociedade do conhecimento que é cada vez mais desigual.

Justamente, a professora convidada para a abertura deste evento, professora Michelle Perrot (professora emérita da *Université Paris VII*), de imediato, chamou-nos a atenção para uma das antigas marcas de uma sociedade excludente e da sociedade igualmente excludente: a relação entre homens e mulheres, na qual as mulheres estarem ainda em posição de

desvantagem. Perrot, ainda, convidou-nos a refletir acerca do silêncio ao qual tem sido submetidas as mulheres.

Além destas questões, quando os pesquisadores neste evento se questionavam acerca das habilidades necessárias para o século XXI, apresentavam, em alto e bom tom, que 9% da população dos países industrializados não dominam as competências mínimas de leitura, escrita e cálculo para gerir com autonomia a própria vida em sociedade.

Perguntamo-nos: neste quadro sócio-econômico e educacional, qual o "perfil", do nosso ponto de vista, deste encontro internacional? Vejamos.

Segundo fontes oficiais do Evento, das 449 contribuições enviadas ao evento; 275 eram frutos de pesquisa; 95 foram caracterizadas como "inovações", 58 categorizadas como "reflexões" e 21 tomaram a forma de "performances" em que vídeos, por exemplo, eram apresentados aos interessados. Este número de trabalhos tratou dos mais diferentes níveis e modalidades de ensino: formal, não-formal; formação de professores, de animadores populares; aprendizagem a distância; preconceitos de diferentes naturezas; problemas de infinita ordens, e ainda, tímidas tentativas de soluções. A título apenas de exemplo, escrevemos a seguir alguns títulos presentes no evento: "A vertigem do saber"; "O exercício da autoridade na relação pedagógica"; "Ensinar a mundialização em um curso de Economia na seção de técnicos superiores"; "O impacto das novas tecnologias educacionais em instituições militares"; Pode se ensinar a moral na França: reflexões a partir de um exemplo na Bélgica"; "O teatro a serviço do ensino fundamental"; "O calendário geológico: meio informatizado para ensinar as Ciências da Terra", dentre outros variados títulos e temas.

Além desta "hiper-super-diversidade", que do nosso ponto de vista, revela uma espécie de fragilidade, talvez da sociedade francesa como um todo, destacamos na mesma direção duas outras observações.

A primeira delas diz respeito a visível e majoritária participação de canadenses e suíços no evento tanto dentre os expositores principais como enquanto comunicadores apenas. Ressalto ainda a participação de um grupo de pesquisadores alemães do Instituto Pedagógico Internacional de Pesquisas, assim como, a facilidade de tradução simultânea do francês para o inglês.

Desta forma, o "palco principal" do evento (os grandes anfiteatros do *INRP* e da UNESCO) foram ocupados por estas pessoas destas nacionalidades e, claro que, pelos franceses. Ou seja, no mesmo palco encenaram aqueles que "representam" "papéis" mais parecidos entre si. Sendo assim, o "palco principal" deste Evento foi ocupado por, em torno de, cem pesquisadores e autoridades de outras instâncias que não acadêmicas que tiveram, aproximadamente, 60 minutos para exporem suas idéias e que, de uma maneira ou de outra, são mais "iguais" dentre a totalidade dos participantes e, equivalentemente, representam países que ocupam posições do mesmo naipe seja em nível da Comunidade Européia ou em nível mundial.

Com relação à segunda questão levantada logo acima, contra-face desta primeira, aproximadamente, 400 inscritos (dados oficiais) foram subdivididos em pequenos grupos (não aqueles divulgados na programação do evento, diga-se de passagem) e nestes *ateliers* discutiram "algo" sobre seus trabalhos em "minúsculas" salas de aula, nas quais, segundo comentários ouvidos de modo casual, a reunião se dava de modo artificial e sem a preocupação da "escuta" necessária ao diálogo.

Ao integrarmos a primeira observação com a segunda, o evento em análise refletiu a composição e a situação social da França, e porque não dizer de outros países da Comunidade Européia, que se recusa a aceitar "a igualdade, a liberdade e fraternidade" para os não tão iguais.

Aliadas a estas colocações, gostaríamos de pontuar algumas informações retiradas da *Enquête sur l'Éducation Nationale*" que foi publicada na revista *Le Point* de 13 de abril de 2006, por Jacques Marseille: a- Mais de um jovem em dez, depois

de 12 anos de escolarização, se encontra em uma situação de insegurança lingüística que obscurece seu horizonte cultural. Estes jovens, segundo o depoimento do professor Alain Bentolila (*Université Paris V – Sorbonne*) não serão bons em nenhum outro domínio dos saberes humanos. B- Apenas 38% dos diplomados em nível superior encontrarão um trabalho correspondente ao seu nível de estudo. C- Das 100 melhores universidades do mundo, apenas quatro são francesas, e a primeira delas aparece no posto de número 46. D- Para Jean-Hervé Lorenzi e Jean-Jacques Payan, na França, existe uma ensino superior para a "nobreza" (grandes escolas de Comércio e Engenharia); outra, para o "clero"; e outras para o "terceiro estado" que reagrupa as universidades e os institutos universitários de tecnologia.

Não menos vistos e ouvidos, destacamos alguns dados percentuais exibidos no primeiro dos programas da série televisiva "A Escola na França", exibido em rede nacional no dia 13 de abril deste ano, na TF2: 1- A França possui o maior número de estudantes estressados dentre os países industrializados. 2- Ao final de seis anos de escolarização, 15% dos alunos têm sérias dificuldades para ler e escrever e destes 1/8 será de alunos fracassados permanentemente. 3- E finalmente, este primeiro programa, destacamos, termina com a seguinte pergunta: *Será que a escola na França está em decadência ou os pequenos franceses estão geneticamente modificados?*

Sem querer nos deter nesta questão, deixo para o leitor a ambigüidade nela revelada: até que ponto o locutor do programa refere-se às ondas de imigração na França quando faz esta pergunta? O que ele quis dizer com isto?

Feita esta exposição, "da Queda da Bastilha aos dias de hoje", passaremos agora a fazer algumas considerações sobre um possível processo em marcha que aqui e pelo momento chamaremos de "brasilianização" da França.

Considerações finais: "Brasilianização" da França

Parece-nos claro que o ideal de Condorcet não se realizou plenamente e hoje, até mesmo a representação deste ideal se vê em destruição. É notório que na França, hoje, a educação que é oferecida para os pobres, não é a mesma que é recebida pelos mais favorecidos. E ainda, tendo em vista, a questão do desemprego neste país europeu, não se pode afirmar que exista o desenvolvimento pleno dos indivíduos. Em suma, não há, e provavelmente, nunca houve: Liberdade, Igualdade, nem Fraternidade.

Com relação a Condorcet, brilhante, inspirador e lutador, sabemos que morreu de modo obscuro em um calabouço jacobino em 1794.

Freinet, inspirador da Pedagogia Institucional, conforme demonstramos, percebeu as "fraquezas" do sistema educacional público francês, e ele, conforme ressaltamos acima, foi exonerado a bem do serviço público, quando começou a praticar suas "novas" técnicas de ensino como professor, e ainda, viu sua escola destruída depois da II Guerra.

Foucault, que tão bem denunciou a sutileza do poder, inclusive nas instituições escolares, tentou várias vezes o suicídio, gostava do álcool e morreu de AIDS, na época doença que corroborava com o preconceito aos homossexuais, chamado "grupo de risco" e, por ironia do destino, foi um discípulo de seu pai – que tanto gostaria de tê-lo visto médico – que descobriu o vírus da AIDS, apenas dois anos antes da morte de Foucault: o cientista Luc Montagnier que fora aluno /discípulo do Dr. Paul Foucault.

Bourdieu, mais do que lúcido sociólogo, de acordo com estudos de Sergio Miceli, grande estudioso do teórico francês, apresenta-nos um Bourdieu que viveu intensamente a sua obra. Ou seja, escreveu sobre tópicos que se referiam à sua vida como pessoa inserida em um mundo social excludente: o professor normalista, o iniciante sociólogo, o trabalho do vilarejo natal de

Béarn e na Argélia, o nascimento em uma família modesta no meio rural provinciano diante da burguesia parisiense.

Para Miceli (2005), Bourdieu teve como companhia a relação entre a sua origem e os espaços sociais que o vieram aceitar tais como o *Collège de France*, em 1981, que obrigaram-no a sociologizar a própria vida e, muitas vezes, sentir-se desprezado por seus pares. Ou seja, Bourdieu viveu cindido entre o "ser professor do meio rural" e o "brilhante e badalado sociólogo da sociedade francesa".

Assim, no auge dos anos 60, Bourdieu foi ousado e, conforme apresentamos acima, destruiu a imagem do sistema educacional, especialmente o francês que ele conhecera tão bem. Por isso inclusive, sentiu-se muitas vezes ansioso pela possibilidade de ficar isolado e abandonado, tanto pelos seus parentes como pelos seus pares.

Infelizmente, todos estes homens – Condorcet, Freinet, Foucault, Bourdieu – que tentaram mostrar as questões mais graves que constituíam e ainda constituem o sistema educacional francês, tiveram um preço a pagar.

Nós, neste artigo, unimo-nos, mui humildemente a eles, pois sabemos que a conjuntura atual do Estado francês não é mais a do "Estado de Bem-Estar Social" devido ao número elevadíssimo de imigrantes que recebe, especialmente, advindos de suas ex-colônias, e tal situação, fez com que, sempre do nosso modesto ponto de vista, o sistema educacional francês na Bienal fosse representado por uma 'explosão' de falas 'desorientadas' em e uma disposição "teatral" – em termos dos cenários usados e de seus respectivos atores - que ainda busca uma identidade na escola laica e republicana até pouco tempo também sustentada, ainda que em nível da representação e não do "ser", na França enquanto Estado Nacional.

Dito de outro modo, a escola pública laica francesa, nascida da queda da Bastilha, percebe, dentre outros fatos, que no mundo muçulmano, o poder temporal e espiritual estão nas mãos da mesma pessoa, e que os seguidores do Corão têm uma relação

com o sistema educacional francês e dos demais países da União Européia, que precisa ser vista, compreendida e mediada; NUNCA, ignorada.

Ou seja, faz-se o momento de perceber que muitos destes "outros", hoje que se confundem e se misturam ao grupo de imigrantes, clandestinos, ilegais, oriundos de ex-colônias européias não são tão "outros" assim; são parte de uma União Européia, atores da mesma história - ainda que em posições antagônicas e que juntos compuseram o monoteísmo e puseram fim ao politeísmo das civilizações antigas: gregos, romanos, egípcios, dentre outros.

Em suma, a França tem que reconhecer esta falência do seu, antes, todo poderoso Estado de Bem-Estar Social e de uma representação de sistema educacional modelo para o mundo. Ela precisa ouvir seus próprios pensadores, e ainda muitos outros de outros países. E é neste sentido do reconhecimento da falência que consideramos que a França entra num processo de "brasilianização", pois, nós, em nosso país, salvo alguns discursos eleitoreiros, já percebemos nossa ineficácia no sentido de uma educação pública, universal e gratuita.

Referências

BOTO, Carlota. "Na Revolução Francesa, os princípios democráticos da escola pública, laica e gratuita: o relatório de Condorcet" in *Educação e Sociedade*. v.24, set. 2003, vol. 24, n.84 Campinas, p. 755-768.

BOURDIEU, Pierre (2003). *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____ (2002). *A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Editoria Zouk.

_____ (2001). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Editora Vozes.

_____ (2001) *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva.

_____ (1979) *La Distinction Critique Sociale du Jugement*. Paris: Lés Editions de Minuit.

CHÂTEAU, Jean (1978). *Os Grandes Pedagogistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert e PERDRIault, Marguerite (1989). *A Violência na Escola*. São Paulo: Summus.

CONDORCET. *Instrução Pública e Organização do Ensino*. Porto: Educação Nacional, 1943.

_____ (1989). Rapport et projet de décret sur l'organisation générale de l'instruction publique; présentés à l'Assemblée Nationale, au nom du Comité d'Instruction Publique, par Condorcet, Député du Département de Paris. Paris: Imprimerie Nationale, 1793. *Enfance*, Paris, v. 42, n. 4.

DURKHEIM, Émile (s/d). *Éducation et Sociologie*. Paris, F. Alcan. (Tradução de Lourenço Filho). São Paulo, Melhoramentos.

FOUCAULT, Michel (2003). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.

_____ (1977). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

LOBROT, Michel (1967). *La Pédagogie Institutionnelle*. Paris, Gauthier – Vilars.

MARSEILLE, Jacques. "Enquête sur l'Éducation National". In *Le Point* de 13 de abril de 2006.

MICELI, S. (2005) In www.foroideasibero.cervantesvirtual.com/foro/data/1974.doc;jsessionid=abc44ejQIHT-GtvgQ. Acessado em 24 de abril de 2006.

SILVA, Nilce da. Reflexões sobre a Bastilha, o 11 de setembro e a Educação. In *Jornal da USP*. 5 a 11 de julho de 2004. Ano XIX, n. 693, Opinião.

Anais da 8eme Biennale de l'Éducation et de la Formation. Resume dès contributions. Lyon, lês 11, 12, 13 et 14 avril 2006.

Sítio da Associação Brasileira para Divulgação, Estudos e Pesquisas de Pedagogia Freinet (ABDEPPF). Fonte: <http://www.abdeppfreinet.com.br/> Acessado em 23 de abril de 2006.

Capítulo I da série televisiva "*A Escola na França*", exibido em rede nacional no dia 13 de abril deste ano, TF2.

| |
|---|
| <p>Nilce da Silva - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Endereço residencial: Rua Antonieta Leitão, n. 209. Ap. 12. Freguesia do Ó. São Paulo. SP. CEP: 02925-160. Endereço eletrônico: nilce@usp.br</p> |
|---|

Recebido em: 12/06/2007

Aceito em: 15/11/2007